

Os trunfos de FH

• Um candidato faz promessas. Um candidato à reeleição também faz promessas, mas, sobretudo, trata de mostrar o que já fez para justificar perante os eleitores um novo mandato. Os governadores que desejam continuar no poder organizam as prestações de contas que farão nos palanques. O presidente Fernando Henrique Cardoso segue a mesma trilha. Esta a razão dos balanços que cada ministro faz de sua área.

A soma dos resultados de cada ministério dará parte do conteúdo fatural da campanha presidencial. A falta de resultados também entra nesta equação, oferecendo, por um lado, um flanco aberto aos ataques dos opositores e, pelo outro, a matéria para novas promessas. É o caso, por exemplo, da saúde pública e das políticas de emprego, dois fracassos do Governo.

Quem quiser saber quais serão as realizações a serem apresentadas como cartão de visitas, juntamente com o real e a estabilização da moeda, basta entrar na Internet e acessar <http://www.mpo.gov.br>, buscando, em seguida, as páginas Brasil em Ação. É lá que se encontra o cerne do Governo, com o desenho de cada um dos 26 projetos de infra-estrutura, o seu significado para o conjunto da economia, a influência que terão sobre as suas regiões, o valor dos investimentos, feitos e por fazer.

A data das inaugurações é uma informação eleitoralmente relevante. Onze projetos deverão ser concluídos até dezembro e quatro antes, sendo que os novos aeroportos de Fortaleza e de Porto Seguro, importantes obras do plano de turismo do Nordeste, já o foram. A famosa ponte rodoviária da Ferronorte sobre o Rio Paraná, uma obra de Santa Engrácia conhecida como ponte do Olacir, por ter sido concebida por Olacir de Moraes, o Rei da Soja, deverá ser finalmente terminada em abril, a tempo de transportar parte da safra deste ano de Mato Grosso do Sul. É um projeto caríssimo, porque as estacas tiveram de ser plantadas a 57 metros de profundidade, quando as da Ponte Rio-Niterói, por exemplo, atravessaram uma lâmina de água de apenas 17 metros. As obras do Porto de Sepetiba, que se adiantaram ao cronograma inicial, serão inauguradas em agosto. O sistema de transmissão de energia da Usina de Xingó até Recife estará terminado em julho. A duplicação da Rodovia Fernão Dias, uma das estradas de maior índice de acidentes do país, terá a sua primeira etapa, de 270 km, terminada no próximo mês, tanto em São Paulo como em Minas.

Os projetos de infra-estrutura, que representam metade dos investimentos do Brasil em Ação, são os que dão as melhores imagens, perfeitas para preencher o latifúndio de minutos de propaganda eleito-

ral gratuita da coligação de partidos que apóia a reeleição de Fernando Henrique. Os marqueteiros oficiais, se quiserem, podem transformar os programas numa série de viagens otimistas capazes de concorrer com o canal Discovery. Um documentário sobre a Hidrovia Tietê-Paraná, de Piracicaba até o lago de Itaipu, com as suas oito barragens e 19 terminais intermodais, pode dar a impressão de tratar-se do Mississippi atravessando a Califórnia.

Os projetos do Brasil em Ação oferecem outra vantagem eleitoral a Fernando Henrique: caronas para os governadores que o apóiam, que são quase todos. Pensados como "eixos de desenvolvimento", que ultrapassam as fronteiras políticas dos estados, cada projeto interessa a mais de um governador, ainda que os mais importantes estejam no triângulo São Paulo-Minas-Estado do Rio e no Sul Maravilha. A primeira etapa de um dos projetos mais caros, o Gasoduto Brasil-Bolívia, pensado para mudar a matriz energética do centro industrial do país, por exemplo, é quase toda em São Paulo, com uma casquinha para Mato Grosso do Sul. Todos os governadores poderão colher a glória do esforço nacional, exceto Vitor Buaiz, governador do Espírito Santo, estado que não foi contemplado com obra alguma.

Nenhum Governo, por mais medíocre, deixa de ter o que mostrar ao fim de quatro anos. O Governo Fernando Henrique, acusado de só gostar dos ricos e de não investir no social, poderá exibir imagens convincentes da melhoria do ensino nas 180 mil escolas que passaram a receber dinheiro diretamente do Ministério da Educação ou do progresso de agricultores que obtiveram créditos do Pronaf, e não só no Sul, onde é forte a tradição das cooperativas. Até a reforma agrária, que avança, ainda que num ritmo mais lento que o reclamado pelo MST, pode fornecer elementos para a propaganda eleitoral.

Diante desta artilharia, as imagens da oposição serão meros bодоques retóricos. Poderão mostrar o desemprego nas regiões metropolitanas, as filas de doentes à espera de atendimento nos hospitais, as favelas que continuam favelas. Os especialistas em propaganda eleitoral garantem que imagens negativas não conquistam votos de indecisos.